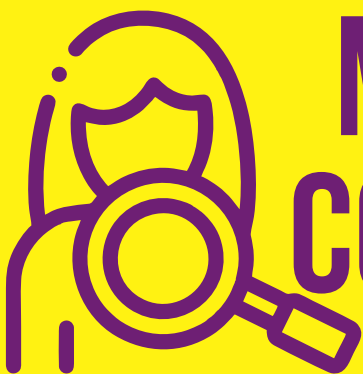


PESQUISA

MÃES JORNALISTAS E O CONTEXTO DA PANDEMIA



COMISSÃO
DE *Mulheres*



FENAJ
FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS

DIRETORIA-EXECUTIVA

- Presidenta: Maria José Braga - Goiás
- 1ª Vice-Presidente: Paulo Zocchi - São Paulo
- 2ª Vice-Presidente: Samira de Castro Cunha - Ceará
- Secretário Geral: Beth Costa - Rio de Janeiro
- 1ª Secretária: Alessandra Mello - Minas Gerais
- 1ª Tesoureiro: Antônio Paulo Santos - Amazonas
- 2ª Tesoureira: Valci Zuculoto - Santa Catarina
- Suplente: Paula Zarth Padilha - Paraná
- Suplente: Valdice Gomes da Silva - Alagoas

VICES-PRESIDÊNCIAS REGIONAIS

- Vice Regional Centro-Oeste: Gésio Passos - Distrito Federal
- Vice Regional Sul: José Nunes - Rio Grande do Sul
- Vice Regional Sudeste: Márcia Quintanilha - São Paulo
- Vice Regional Nordeste I: Lúcia Figueiredo - Paraíba
- Vice Regional Nordeste II: Edmilson Brito - Sergipe
- Vice Regional Norte I: Wilson Reis - Amazonas
- Vice Regional Norte II: Denise Quintas - Amapá

DEPARTAMENTOS

Departamento de Educação e Aperfeiçoamento Profissional

- Adriana Cruz - Roraima
- Cármen Pereira - Rio de Janeiro
- Elias Serejo - Pará

Departamento de Relações Institucionais

- Guto Camargo - São Paulo
- Paulo Souza - Sergipe
- Sérgio Murillo de Andrade - Santa Catarina

Depto. de Mobilização, Negociação Salarial e Direito Autoral

- Gustavo Vidal - Paraná
- Márcio Leal - Rio de Janeiro
- Rafael Mesquita - Ceará

Departamento de Cultura e Eventos

- Luiz Carlos de Oliveira - Piauí
- Márcio Geroni - São Paulo
- Marjorie Moura - Bahia

Departamento de Mobilização em Assessoria de Comunicação

- Douglas Dantas - Espírito Santo
- Leonor Costa - Distrito Federal
- Rose Dayanne - Tocantins

Departamento de Relações Internacionais

- Ayoub Hanna Ayoub - Londrina
- Celso Augusto Schröder - Rio Grande do Sul
- Suzana Tatagiba - Espírito Santo

Depto. de Mobilização dos Jornalistas de Produção e Imagem

- Evilázio Bezerra - Ceará
- Luiz Spada - Goiás
- Victor de Farias - Acre

Departamento de Saúde, Previdência e Segurança

- Ana Paula Costa - Rio Grande do Norte
- Felipe Gillet - Pará
- Norian Segatto - São Paulo

CONSELHO FISCAL

- Luila de Paula - Alagoas
- Marcelo Freire - Rondônia
- Milton Simas - Rio Grande do Sul

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA

- Kardé Mourão (presidenta) - Bahia
- Claudia de Abreu - Rio de Janeiro
- Osnaldo Moraes - Pernambuco
- Pinheiro Salles - Goiás
- Salomão de Castro - Ceará

PESQUISA

MÃES JORNALISTAS E O

CONTEXTO DA PANDEMIA



PESQUISA

Comissão Nacional de Mulheres da FENAJ (com colaboração dos Sindicatos de Jornalistas)

ANÁLISE, REDAÇÃO E EDIÇÃO

Aline de Oliveira Rios, Paula Zarth Padilha,
Rose Dayanne Santana Nogueira e Samira de Castro Cunha

REVISÃO

Cynthia Mara

EDITORIAÇÃO

Samira de Castro Cunha

COMISSÃO NACIONAL DE MULHERES DA FENAJ

Auxiliadora Tupinambá – Sindicato dos Jornalistas do Amazonas

Fernanda Gama – Sindicato dos Jornalistas da Bahia

Luizete Vicente – Sindicato dos Jornalistas do Ceará

Renata Maffezoli – Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal

Graziela Moura de Souza – Sindicato dos Jornalistas de Dourados

Fernanda Coutinho – Sindicato dos Jornalistas do Espírito Santo

Dulce Tupy – Sindicato dos Jornalistas do Estado do Rio de Janeiro

Lina Rocha – Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais

Clarisse Meireles – Sindicato dos Jornalistas do Município do Rio de Janeiro

Ticianna Mujalli – Sindicato dos Jornalistas do Norte do Paraná

Elara Leite – Sindicato dos Jornalistas da Paraíba

Aline de Oliveira Rios – Sindicato dos Jornalistas do Paraná

Glenda Uchôa – Sindicato dos Jornalistas do Piauí

Ana Paula Costa – Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Norte

Kátia Marko – Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul

Mara Paraguassu – Sindicato dos Jornalistas de Rondônia

Sônia Nunes – Sindicato dos Jornalistas de Roraima

Érica Aragão – Sindicato dos Jornalistas de São Paulo

Rose Dayanne Santana Nogueira – Sindicato dos Jornalistas do Tocantins

Alessandra Mello – Executiva da FENAJ

Samira de Castro Cunha – Executiva da FENAJ

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS – FENAJ

SCLRN 704 – Bloco F, Loja 20

CEP: 70.730-536 - Brasília-DF

E-mail: fenaj@fenaj.org.br

www.fenaj.org.br

SUMÁRIO

Apresentação.....	4
Seção 1 – Perfil das mães jornalistas	5
Seção 2 – Condições de trabalho	7
Seção 3 – Situação Familiar	11
Seção 4 – Opinião sobre a volta às aulas presenciais dos/das filhos(as)	16
Conclusões – proposições	21
Carta de Agradecimento	23



Apresentação

A Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) realizou, entre os dias 7 e 17 de agosto de 2020, a pesquisa “Mães jornalistas e o contexto da pandemia”, com o objetivo de mapear a situação das profissionais do Jornalismo em relação ao exercício cumulativo de atividades laborais, afazeres domésticos e cuidados com os/as filhos/as em meio à crise sanitária do novo coronavírus.

Coordenada pela Comissão Nacional de Mulheres Jornalistas, coletivo ampliado integrado por 21 representantes de 19 Sindicatos filiados de todo o país, a pesquisa constituiu um esforço da Federação para compreender os dilemas enfrentados pelas mães jornalistas que, a despeito de exercerem uma atividade essencial, também não deixam de acumular outras responsabilidades decorrentes da divisão sexual do trabalho, como os cuidados com o lar, os filhos e parentes.

Por meio de uma abordagem quanti-qualitativa, os dados da pesquisa foram coletados a partir de um questionário, composto por 26 perguntas de múltipla escolha, além de questões abertas, de caráter complementar, e de uma avaliação. Dessa forma, foi estruturado em quatro seções, contemplando questões sobre o perfil das trabalhadoras jornalistas, as condições de trabalho, a situação familiar dessas mulheres e a opinião delas sobre a volta às aulas presenciais dos filhos/as. A elaboração das questões, a análise e sistematização dos dados foram conduzidos pelas integrantes da Comissão.

Responderam à pesquisa 629 profissionais de todos os estados brasileiros e do Distrito Federal, numa demonstração do envolvimento ativo das representações sindicais que integram a Comissão Nacional de Mulheres, da própria diretoria da FENAJ e dos seus Sindicatos filiados.

A FENAJ e a Comissão Nacional de Mulheres agradecem a cada uma dessas profissionais que responderam ao questionário, ajudando a materializar um diagnóstico a partir dessa especificidade da perspectiva de gênero.

Mais do que demonstrar em dados uma realidade complexa atravessada pelas mulheres na crise sanitária de Covid-19, parametrizar as condições de trabalho das mulheres jornalistas que são mães, durante essa pandemia, mostrou-se também acolhida e escuta para essa condição que, em alguns aspectos, são inerentes à profissão, mas em outros, compartilhados com toda a classe trabalhadora.

Nas páginas seguintes, apresentamos o resultado da pesquisa, que proporciona uma reflexão sobre a necessidade de direcionamento das atividades sindicais para as mulheres jornalistas, uma vez que são maioria entre a categoria e, portanto, carecem de ações focadas para combate à precarização e sobrecarga decorrentes do gênero.

26 de agosto de 2020.

Comissão Nacional de Mulheres Jornalistas

Federação Nacional dos Jornalistas



Seção 1 – Perfil das mães jornalistas

Participaram da pesquisa 629 mães jornalistas de todos Estados brasileiros e do Distrito Federal. É possível observar uma representação por regiões do Brasil, com trabalhadoras de pelo menos um estado de cada região brasileira tendo contribuído com respostas.

O maior número de respondentes está concentrado no estado de São Paulo, o que corresponde a 24,64% do total de participantes. Também foram significativas as contribuições das seguintes unidades da federação: Distrito Federal (52); Minas Gerais (52); Paraná (49); Ceará (40); Rio de Janeiro (39) e Tocantins (35) (**gráfico 1 e tabela**).

A maioria das respondentes (68,84%) reside nas capitais brasileiras (**gráfico 2**). Quanto à faixa etária, 56,44% delas têm entre 35 e 44 anos, ao passo em que outras 20,03% têm entre 45 e 54 anos (**gráfico 3**).

O resultado das faixas etárias mais elevadas pode ser inferido pelo fato de a pesquisa estar voltada às mulheres entre a categoria que são mães.

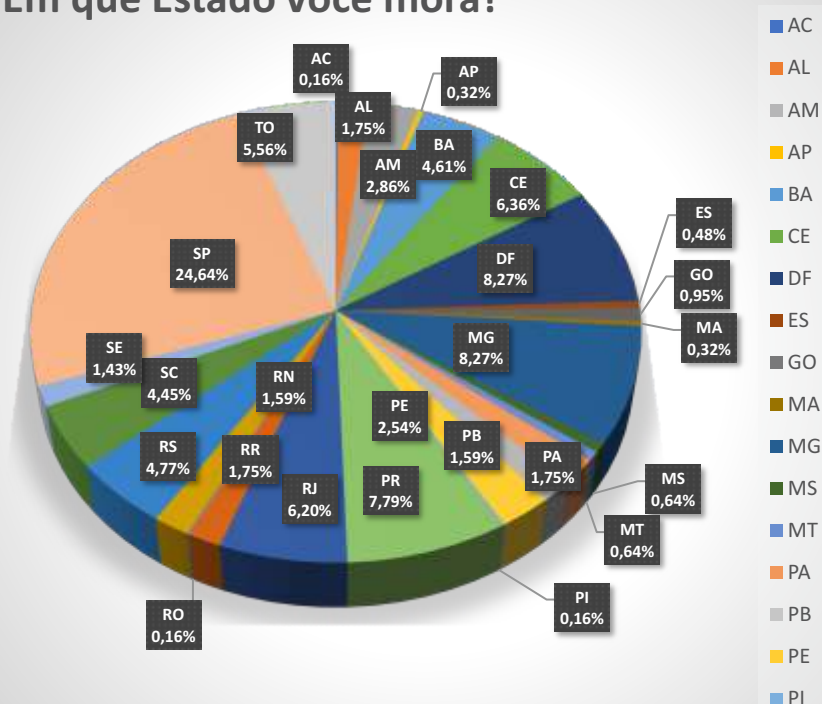
Do total de respondentes 63,91% se autodeclararam brancas, ao passo em que 25,91% pardas, 6,04% pretas, e 2,86% amarelas (**gráfico 4**). Sobre escolaridade, 57,39% possuem graduação; 22,73% pós-graduação; 14,94% mestrado e 3,63% doutorado (**gráfico 5**).

Outro dado interessante é que, apesar de a maioria não ser sindicalizada, 30,52% são sindicalizadas, e ainda 4,77% além de filiadas em suas bases, são dirigentes sindicais (**gráfico 6**).

Esses números refletem também o engajamento das representantes dos sindicatos que integram a Comissão Nacional de Mulheres, da diretoria da FENAJ e dos seus Sindicatos filiados.

GRÁFICO 1

Em que Estado você mora?



Estado	Quantidade	Percentual
SP	155	24,64%
DF	52	8,27%
MG	52	8,27%
PR	49	7,79%
CE	40	6,36%
RJ	39	6,20%
TO	35	5,56%
RS	30	4,77%
BA	29	4,61%
SC	28	4,45%
AM	18	2,86%
PE	16	2,54%
AL	11	1,75%
PA	11	1,75%
RR	11	1,75%
PB	10	1,59%
RN	10	1,59%
SE	9	1,43%
GO	6	0,95%
MS	4	0,64%
MT	4	0,64%
ES	3	0,48%
AP	2	0,32%
MA	2	0,32%
AC	1	0,16%
PI	1	0,16%
RO	1	0,16%
Total Geral	629	100%

Seção 1 – Perfil das mães jornalistas

GRÁFICO 2

Marque capital, região metropolitana ou interior

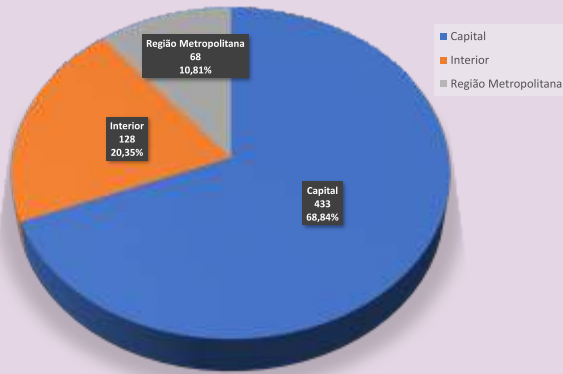


GRÁFICO 3

Considerando as opções (segundo a classificação do IBGE) abaixo, como você classificaria sua cor ou raça?

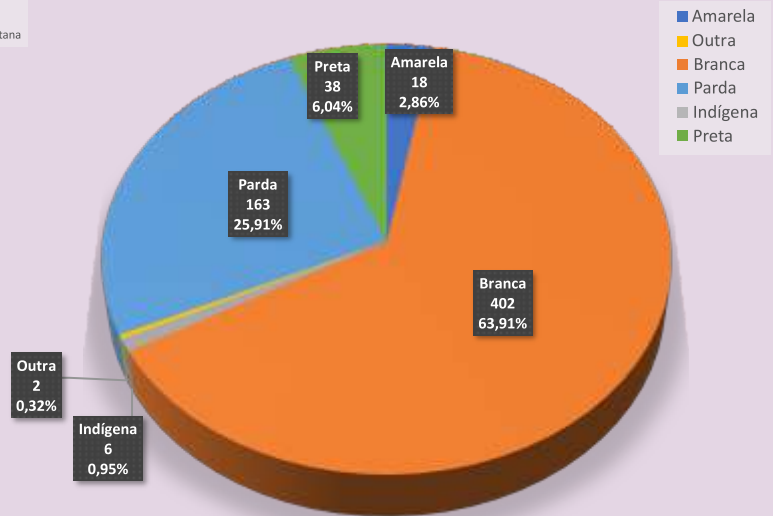


GRÁFICO 4

Qual sua faixa etária?

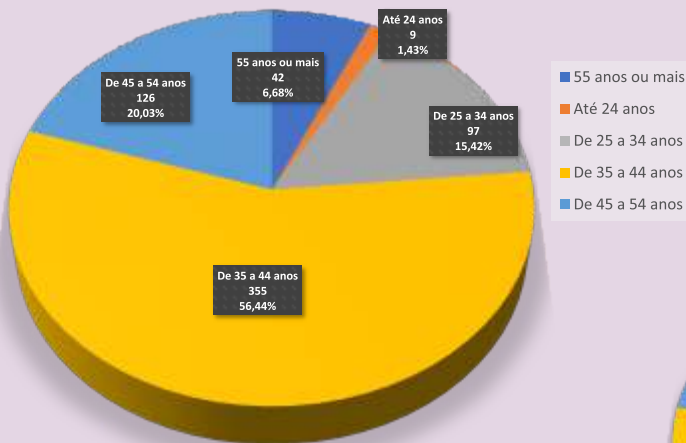


GRÁFICO 5

Qual é o seu grau de escolaridade?

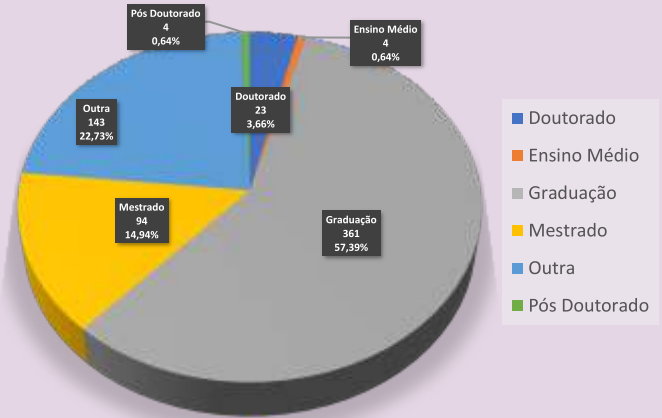
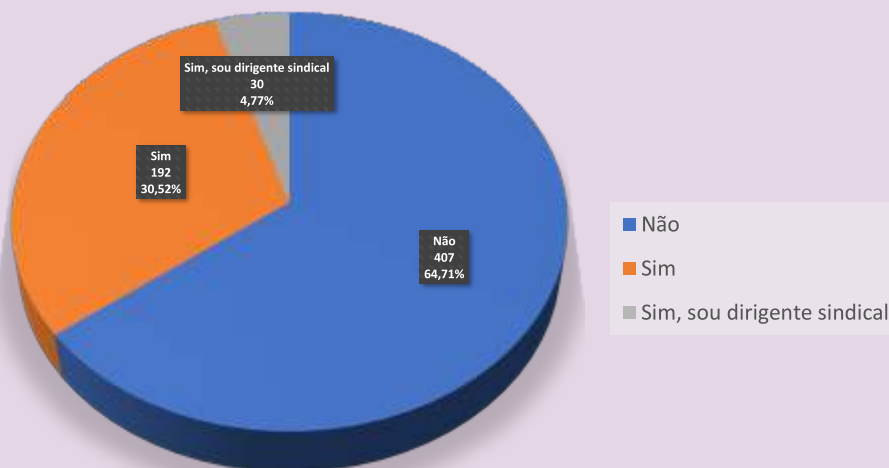


GRÁFICO 6

Você é sindicalizada?



Seção 2 – Condições de trabalho

A maioria (58,51%) das respondentes está trabalhando com vínculo formal (carteira de trabalho assinada). No entanto, 15,26% são pessoas jurídicas (PJ) e 9,54% atuam na informalidade. Já 8,11% declaram outras situações de trabalho, como por exemplo: microempreendedora individual (MEI), cargo comissionado, pesquisadora bolsista (CAPES e CNPq), empresárias, aposentadas, estagiária, sócia cotista **(gráfico 7)**.

O ramo de atuação com maior presença das participantes é na Assessoria de Imprensa, com 43,72% do total, variando o local em que atua, por exemplo: assessorias de órgãos públicos (23,69%), empresas privadas (12,88%) e terceiro setor (7,15%) **(gráfico 8)**.

Seguindo essa tendência, a principal função exercida dentro do jornalismo pelas mulheres que são mães é de Assessora de Imprensa (40,06%), seguida da atuação como repórter (15,9%) **(gráfico 9)**.

Um dado interessante é sobre a manutenção do vínculo de trabalho durante a pandemia: apenas 7% das participantes afirmaram que foram demitidas nesse contexto, sendo que 1,91% pediram demissão. A tendência foi a manutenção do trabalho, 91,1% **(gráfico 10)**.

O regime de trabalho da maioria está sendo feito em home office (59,78%), seguido pelas profissionais que estão em regime misto, ou seja, mesclando trabalho remoto com atividades presenciais. Infere-se que seja reflexo do fato de que a maioria das

respondentes atua em Assessoria de Imprensa de órgãos públicos, por exemplo, que adotaram home office em diversas frentes de trabalho **(gráfico 11)**.

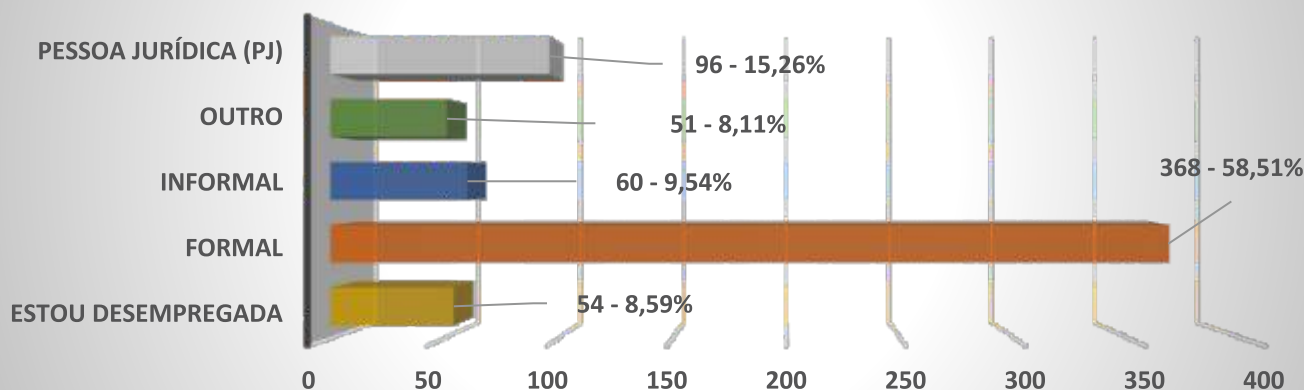
Quanto à exposição ao risco ao exercer atividades presencialmente, a maioria das que realizam atividades presenciais estão apenas trabalhando internamente, mas tem contato com pessoas de fora que vêm até o local de trabalho, por exemplo, seguida pelas profissionais que, além de estarem fisicamente nos postos, também fazem atividades externas, na rua por exemplo **(gráfico 12)**.

Quanto à questão salarial, 57,82% não tiveram alterações no salário e na jornada de trabalho durante a pandemia. No entanto, 11,45% das participantes afirmaram que tiveram redução salarial de 25%, e ainda, 2,07% tiveram contratos suspensos com base na Lei Nº 14.020/2020 (oriunda da Medida Provisória 936). Assim, 16,4% foram impactadas pela legislação que instituiu o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda **(gráfico 13)**.

Das mães jornalistas, 7,6% estão desempregadas e 15,1% das participantes precisaram solicitar o benefício emergencial, sendo que 5,56% receberam o valor de R\$ 600, outras 4,13% o valor de R\$ 1.200, destinado às mães que são as únicas responsáveis pelos filhos/as ou são chefes de família e 5,41% solicitaram, mas não receberam **(gráfico 14)**.

GRÁFICO 7

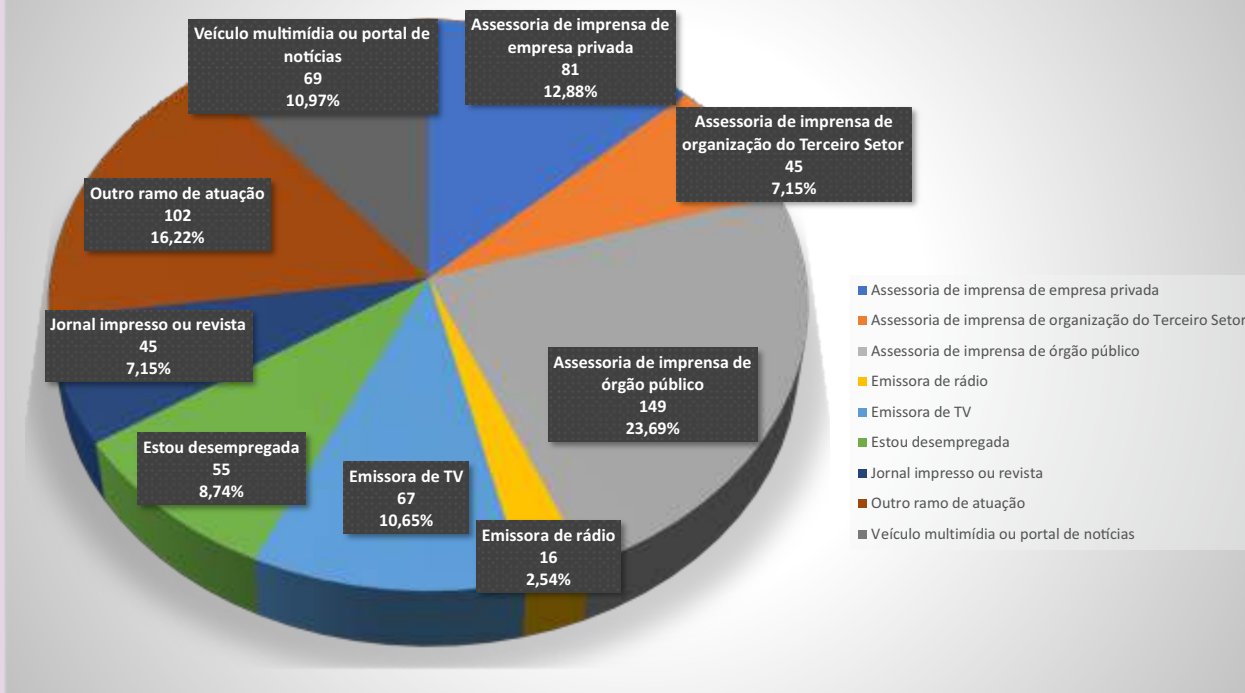
Você está empregada? Se sim, como é seu contrato?



Seção 2 – Condições de trabalho

GRÁFICO 8

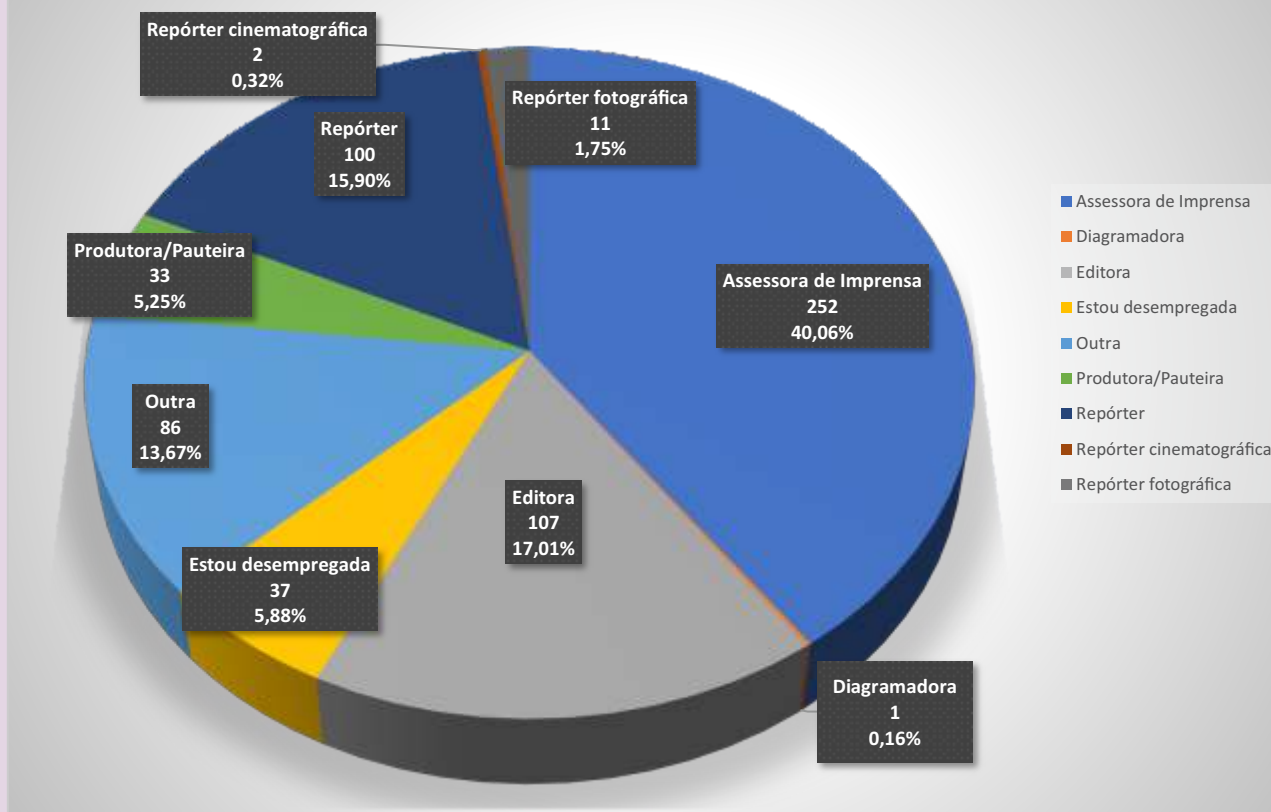
Se você está contratada, indique o seu ramo de atuação:



Observação: Entre as profissionais que indicaram o ramo de atuação em questão aberta, o maior volume de respondentes relata que está atuando em empresas que trabalham com outras áreas da Comunicação, mas não especificamente com Jornalismo.

GRÁFICO 9

Qual é a função principal que você exerce dentro do Jornalismo?



Observação: Entre as profissionais que marcaram a opção "Outra" na função exercida, é possível apontar a distinção entre as que exercem cargos de chefia (14 respostas) e aquelas que são profissionais de base (48 respostas) na área.

Seção 2 – Condições de trabalho

GRÁFICO 10

Você foi demitida durante a pandemia?

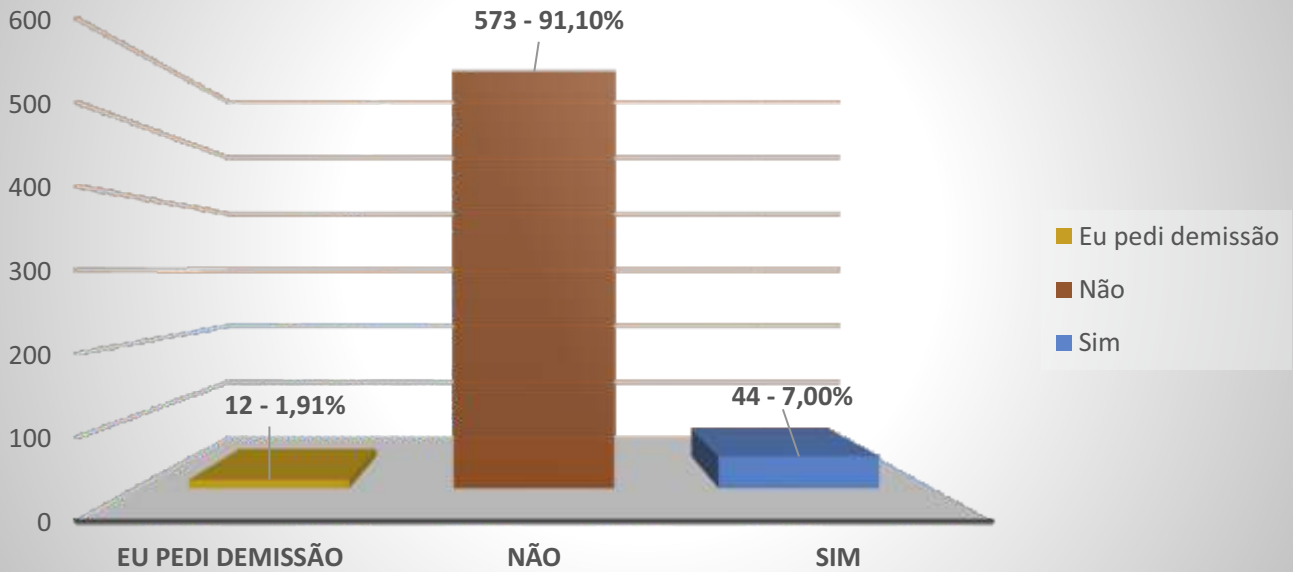


GRÁFICO 11

Como é seu regime de trabalho durante a pandemia?

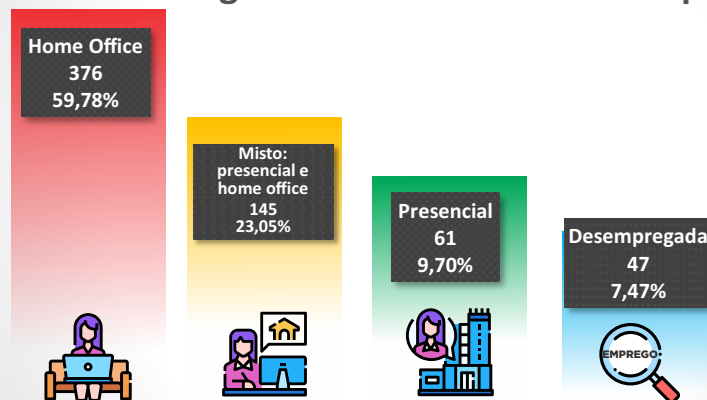
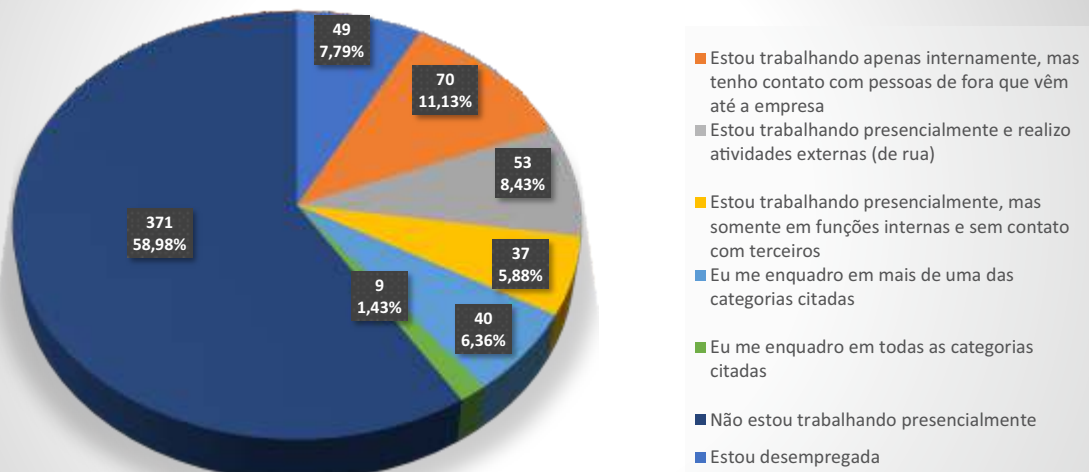


GRÁFICO 12

Em caso de estar trabalhando presencialmente, o quanto você está se expondo ao risco ao exercer a atividade?



Seção 2 – Condições de trabalho

GRÁFICO 13

Você teve redução salarial ou suspensão de contrato de trabalho com a MP 936?

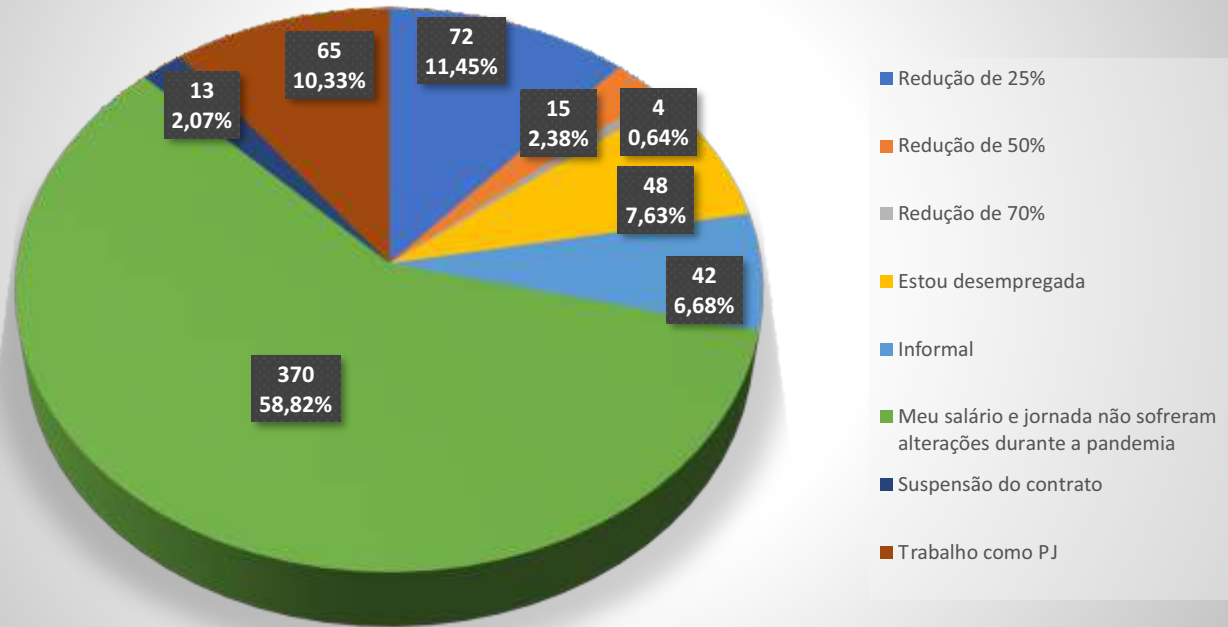
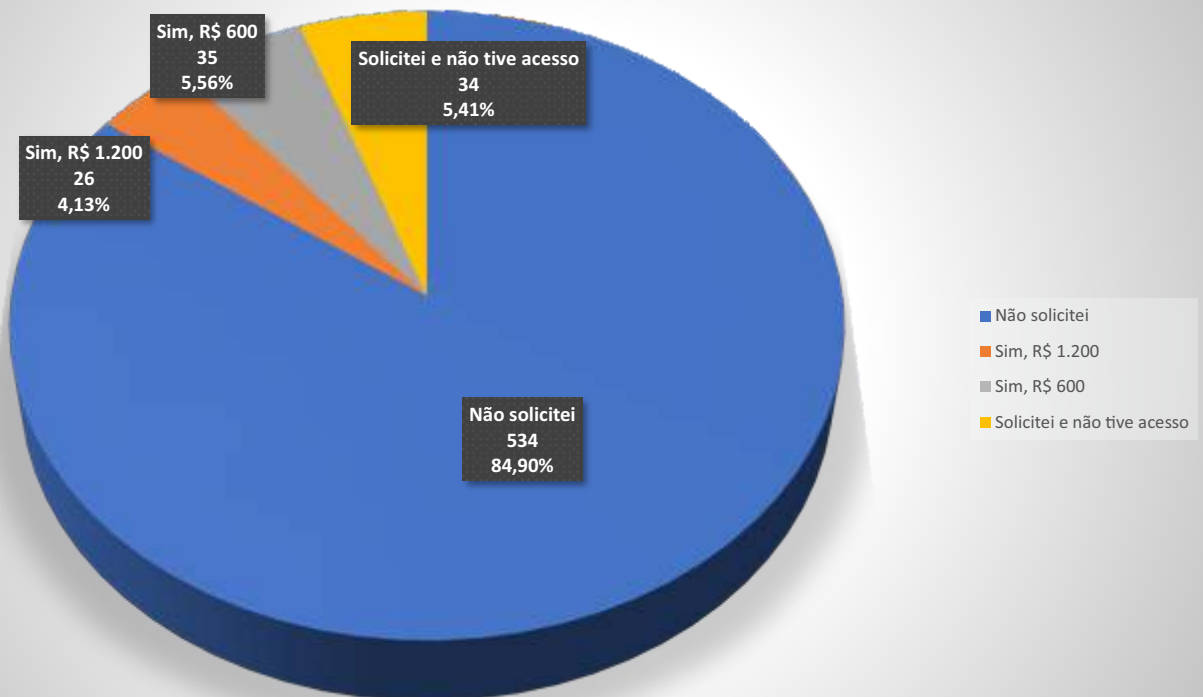


GRÁFICO 14

Você teve acesso ao Benefício Emergencial?



Seção 3 – Situação Familiar

A maioria das mães jornalistas têm apenas um filho em idade escolar (64,4%) e 29,9% têm dois filhos (**gráfico 15**). Para 63,4% dessas mulheres, a responsabilidade sobre a criança ou adolescente é compartilhada com o pai. Algumas dividem os cuidados sobre os dependentes com outros adultos que coabitam (6% com outra mulher e 1,9% com outro homem) ou com familiares que não coabitam (2,4%). Mas a segunda maior ocorrência é de mulheres jornalistas que são mães solo e também as únicas responsáveis pelos filhos (22,4%) (**gráfico 16**).

Outras 26,7% das respostas demonstram a quantidade de mulheres que também assumiram os cuidados sobre outras pessoas (**gráfico 17**). Em questão aberta, as jornalistas relatam que essa situação inclui majoritariamente familiares idosos que precisam de apoio durante a pandemia, como realização de compras de supermercado.

Nesse cenário, ainda que 63,4% tenham declarado que compartilham cuidados e responsabilidades sobre os filhos com o pai, 85,9% das mães jornalistas expuseram o quanto estão se sentindo sobrecarregadas na pandemia (**gráfico 18**). A pesquisa aponta para um esgotamento destas jornalistas e também ilustra o quanto a atividade de cuidado é quase que exclusiva das mulheres, ressaltando que entre as mães jornalistas que contam com rede de apoio, a maioria das pessoas com quem dividem os cuidados com relação aos filhos é do gênero feminino (53 situações contra 21 casos em que o apoio

vem de um homem que não é o pai).

A questão do aumento de carga horária e o fato de estarem sempre disponíveis para o trabalho como uma condição do home office, além do fato de realmente concentrarem o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos, são evidenciados pela pesquisa. Com isso, mesmo compartilhando cuidados, estas mulheres se sentem sobrecarregadas com aulas online, alimentação e cuidados da casa.

Em questão aberta relacionada à sobrecarga de trabalho, a pesquisa recebeu depoimentos de metade das mulheres que se disponibilizou a responder ao questionário. Os relatos abordam a dificuldade de atender os filhos durante aulas remotas; de conciliar esta e outras responsabilidades com o trabalho jornalístico; sobre como são cobradas por desempenho no teletrabalho sem ter qualquer empatia por parte dos superiores hierárquicos; e ainda, a respeito da sensação de estarem o tempo todo tendo que se colocar à disposição para o trabalho.

E quem continua exercendo o trabalho presencial ou misto não tem qualquer suporte para a situação das aulas estarem suspensas e pelo risco de não estar em isolamento. Muitas mães jornalistas também relatam os impactos da redução salarial no período, do desemprego do marido; ou, para as desempregadas, de como é difícil procurar recolocação tendo a responsabilidade de estar em casa cuidando das crianças, do acompanhamento da vida escolar e das atividades domésticas.

Seção 3 – Situação Familiar

GRÁFICO 15

Quantos filhos em idade escolar você tem?

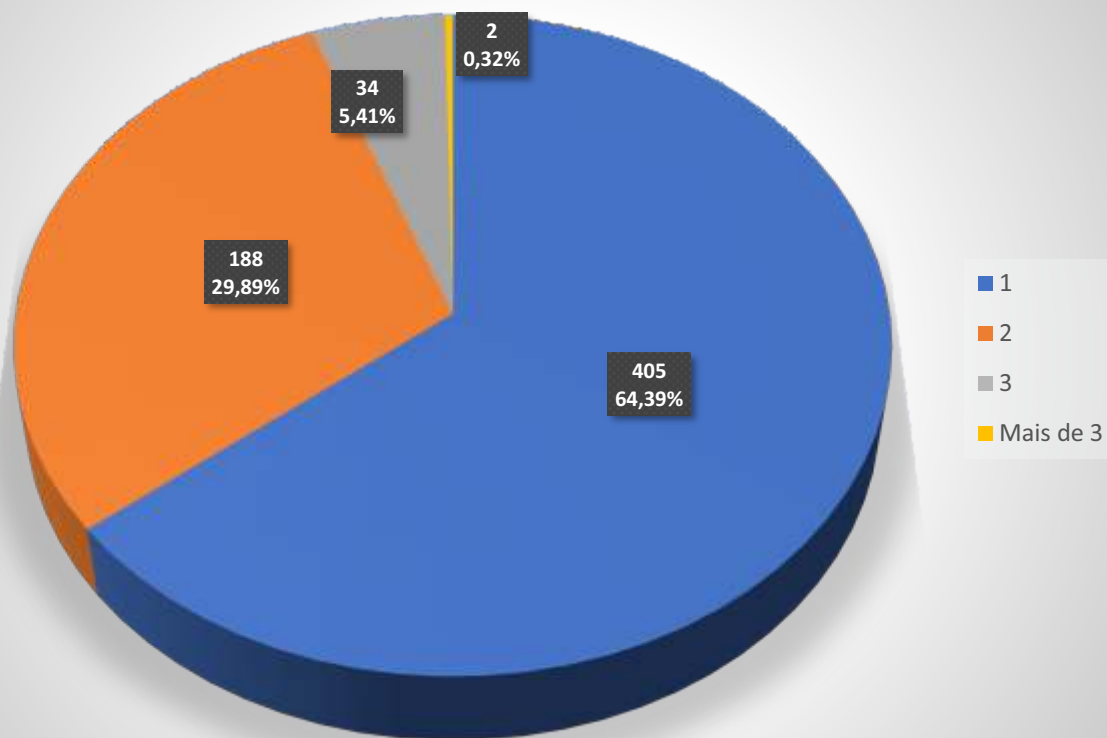
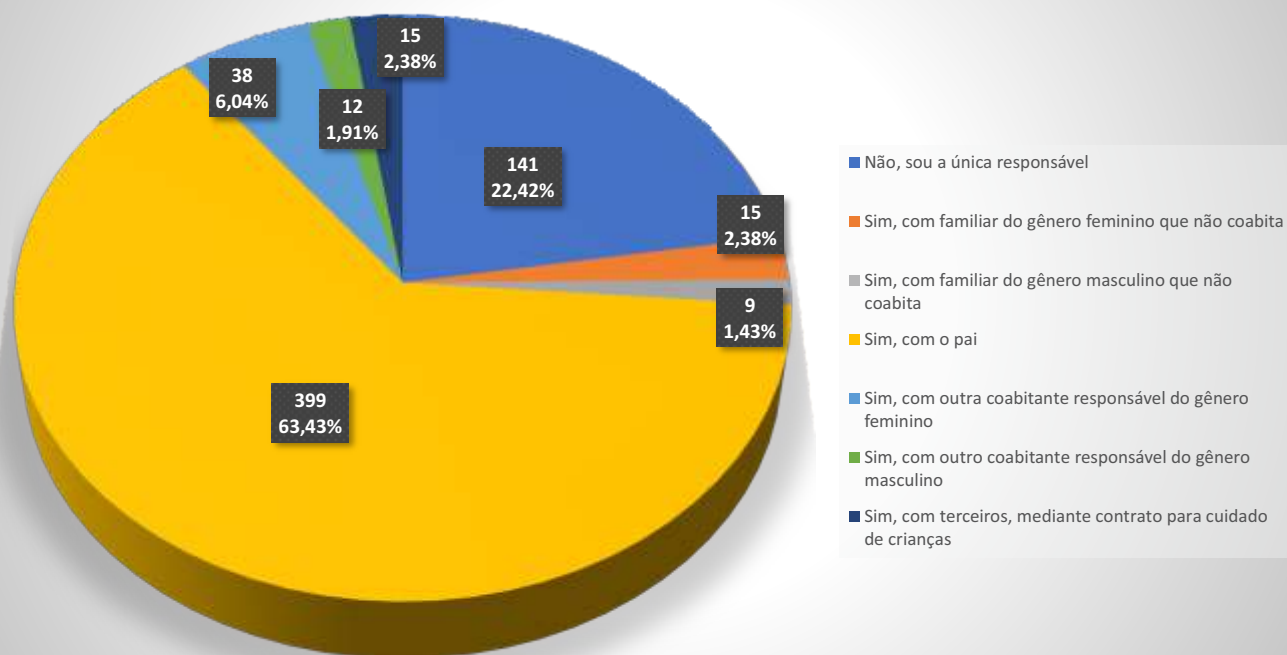


GRÁFICO 16

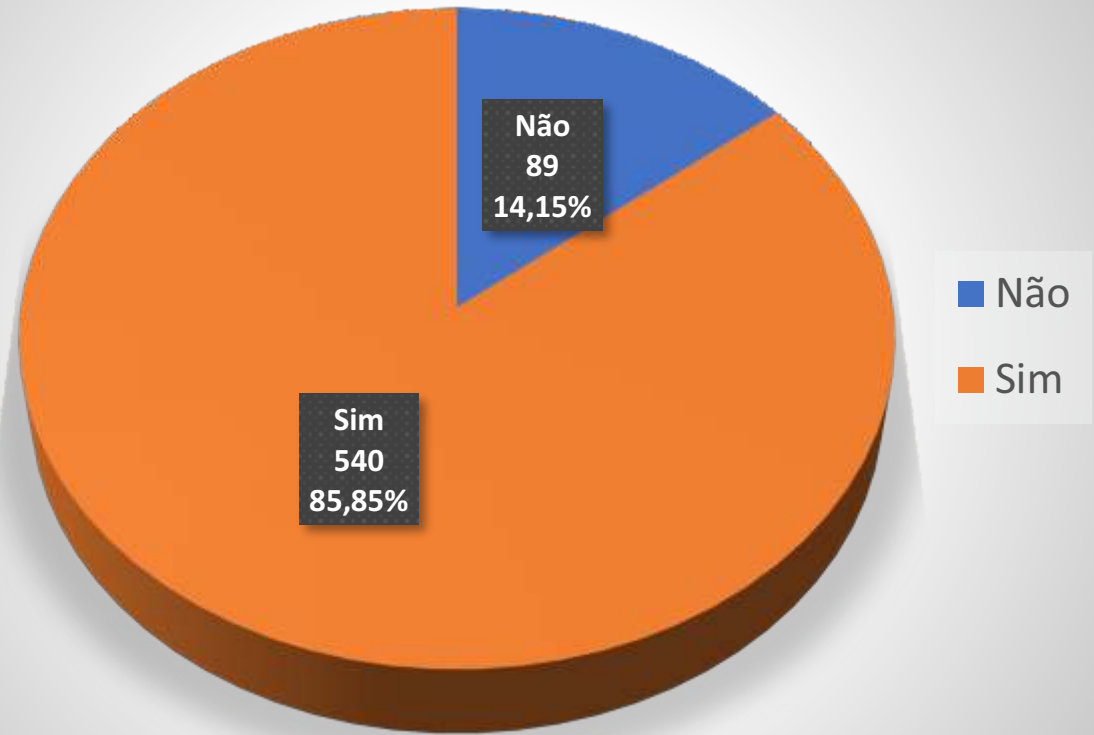
Você compartilha a responsabilidade sobre seu(s) filho(s) com outro responsável ou com outro familiar durante a pandemia?



Seção 3 – Situação Familiar

GRÁFICO 18

Você se sente sobrecarregada neste período de pandemia?



Observação: Abaixo, a nuvem com as palavras que se destacaram nas respostas subjetivas sobre os motivos para as mães jornalistas se sentirem sobrecarregadas.



Seção 3 – Situação Familiar

O que nos dizem as mães jornalistas que se sentem sobrecarregadas

Apresentamos algumas das respostas para o tópico referente a essa situação no questionário. Aqui trazemos as vozes, os desabaços, os desafios e lutas diárias dessas mulheres. Vale ressaltar que essa sistematização levou em conta os principais argumentos elencados pelas mães jornalistas. **(348 respondentes)**



Observação: Apesar de não ser objeto da pesquisa, as respostas abertas denotam adoecimento e sofrimento das mães jornalistas, além de situações sugestivas de violência doméstica, assédio e exposição dos filhos a riscos. A falta de suporte para o home office também é evidente, assim como o quanto a situação dos filhos potencializa as preocupações.

Seção 4 – Opinião sobre a volta às aulas presenciais dos/das filhos(as)

A maioria das mães jornalistas (82,3%) têm filhos que cursam até o 5º ano do ensino fundamental, ou seja, desde bebês até crianças com 10 ou 11 anos de idade, em fase de intenso aprendizado (**gráfico 19**). Ainda que apenas 21,5% não estejam em aula remota e que as mães descrevam relatos de esgotamento por ter que assumir essa dimensão do acompanhamento do ensino em casa, 88,4% são contra o retorno das aulas nos próximos meses (**gráficos 21 e 22**).

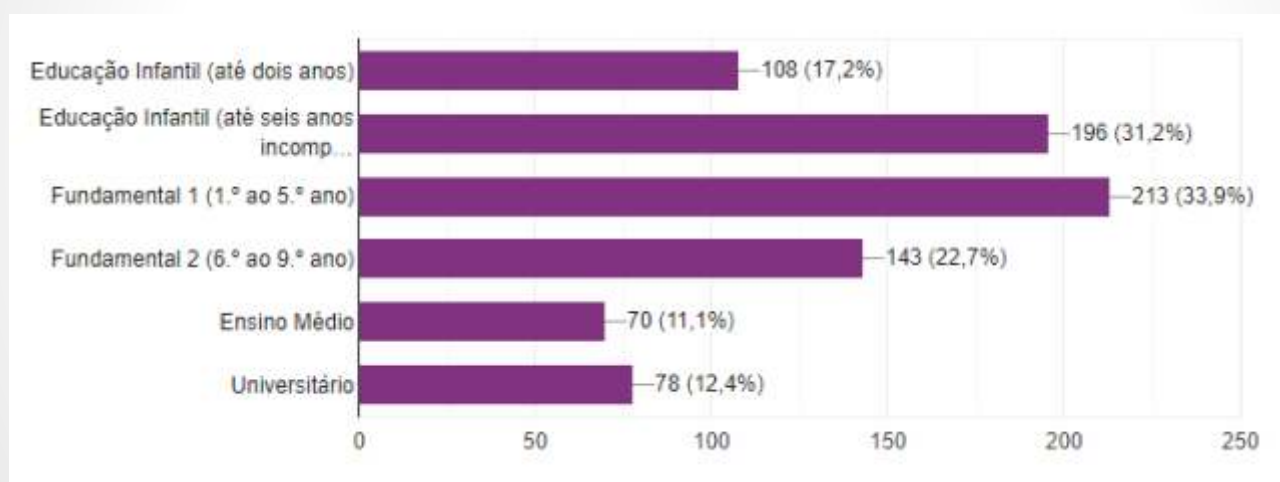
Em questão aberta, os relatos apontam para a necessidade de vacina para o retorno do ensino presencial. O entendimento é de que as vidas devem ser preservadas, que os casos de contágio ainda são altos, que as crianças podem ser assintomáticas, e que o modelo de aulas remotas dá conta considerando que faltam três

meses para o término do ano letivo. Ao menos 47,1% das mães não vão permitir que os filhos retornem às aulas presenciais em 2020, e outras 18,6% cogitam retirar os filhos da escola caso a frequência nas aulas presenciais venha a ser obrigatória (**gráfico 23**).

Para as mães que são favoráveis ao retorno das aulas (11,6%), os argumentos são sobre a necessidade de retomada da vida, de que as crianças tenham acesso a interações e algumas, ainda, alegam inviabilidade de conciliar o acompanhamento escolar dos filhos com o trabalho presencial. Outras comentam que não têm opinião formada, justamente por ser questão complexa que envolve adultos trabalhando e crianças precisando de cuidados e outras redes de apoio.

GRÁFICO 19

Em qual estágio educacional estão seus filhos? (Marque as opções necessárias)



Seção 4 – Opinião sobre a volta às aulas presenciais dos/das filhos(as)

GRÁFICO 20

Seu(s) filho(s) estuda(m) em escola pública ou privada?

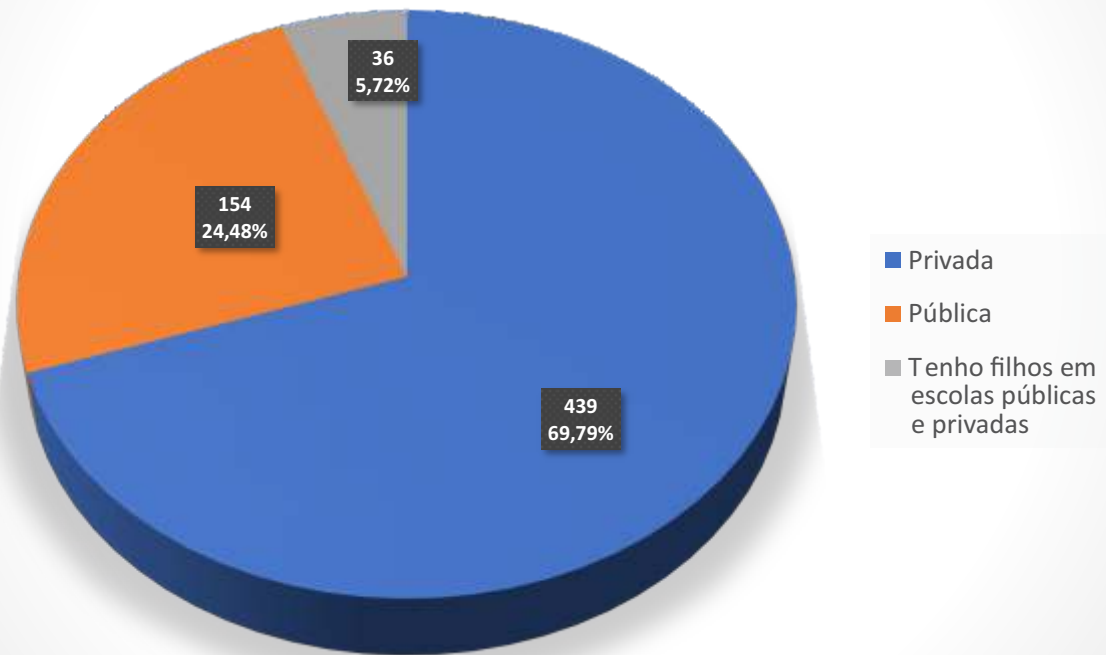
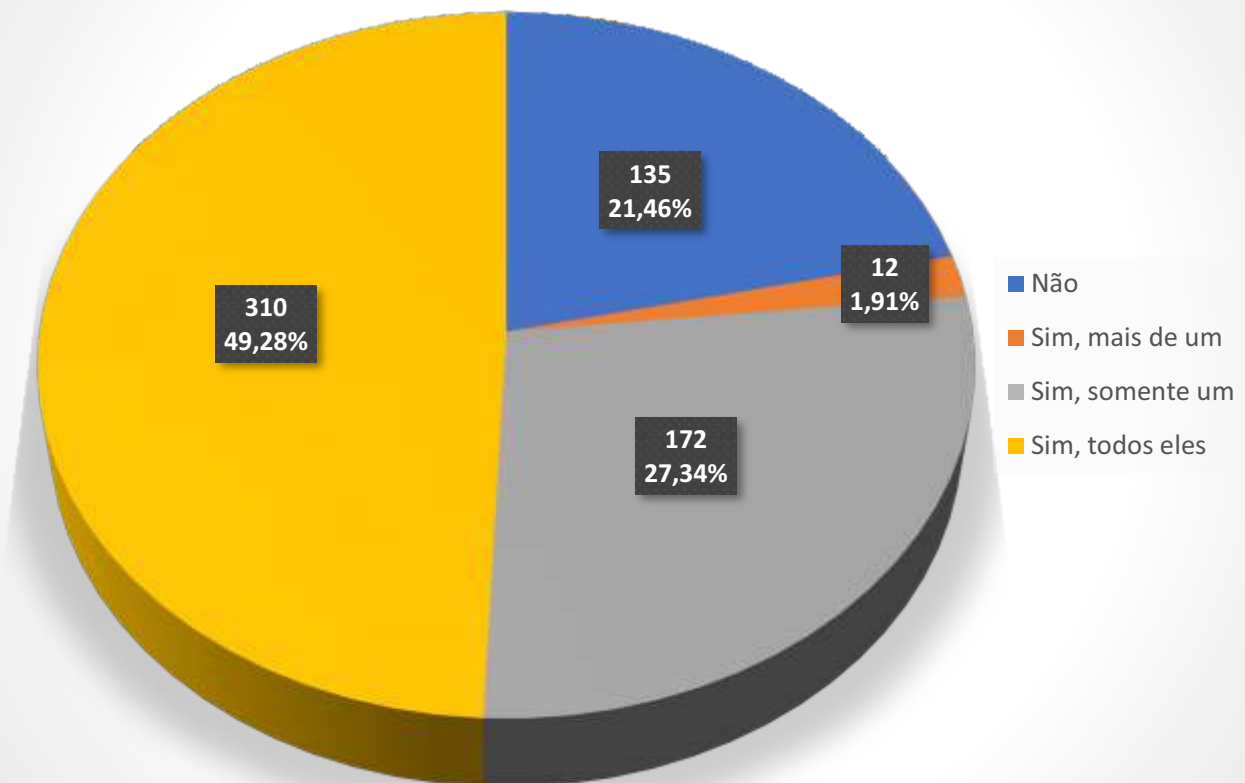


GRÁFICO 21

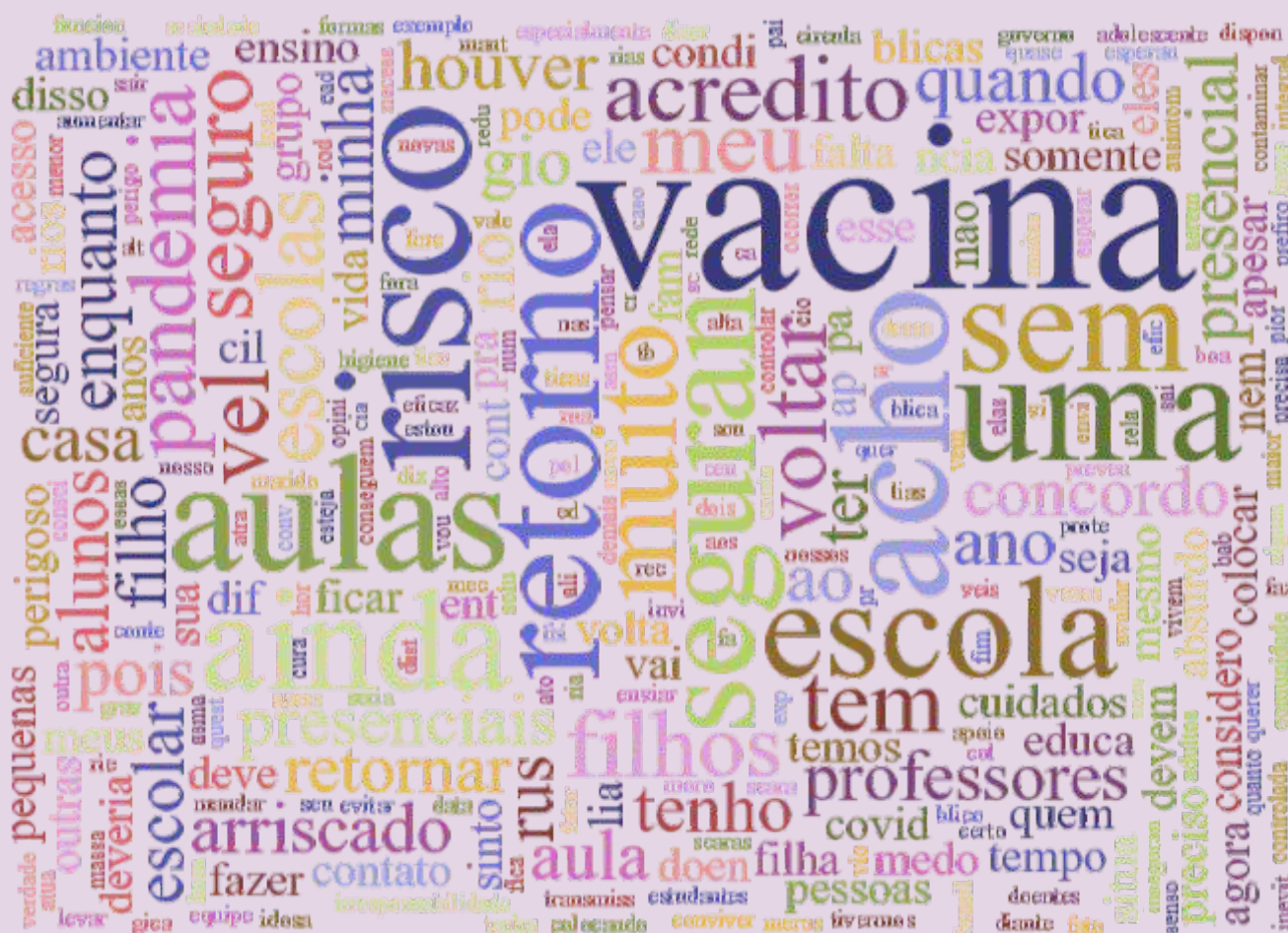
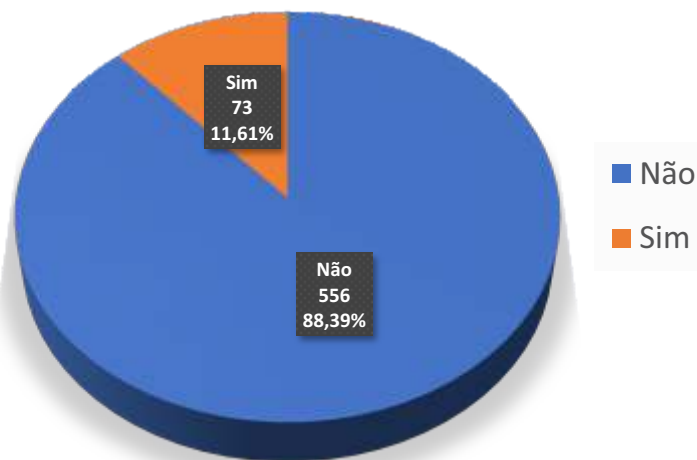
Seus filhos estão tendo aulas em ensino remoto?



Seção 4 – Opinião sobre a volta às aulas presenciais dos/das filhos(as)

GRÁFICO 22

Você concorda com o retorno presencial das aulas nos próximos meses?



Observação: Entre as mães jornalistas que se manifestaram em questão aberta sobre o retorno às aulas presenciais, a imensa maioria já tem opinião formada sobre o assunto. Foram relatados 340 argumentos contra a volta às aulas presenciais; 45 argumentos favoráveis ao retorno; três manifestações de dúvida e três não souberam opinar. A falta de vacina e a insegurança são as principais preocupações das mães jornalistas contrárias à retomada das aulas neste momento. Entre as que defendem a volta das atividades escolares presenciais, os principais argumentos são a possibilidade de adoção de protocolos rígidos e o fato de muitas famílias não terem com quem deixar os filhos.

Seção 4 – Opinião sobre a volta às aulas presenciais dos/das filhos(as)

GRÁFICO 23

Caso as aulas já tenham sido ou venham a ser retomadas em seu Estado, você considera a possibilidade de retirar seus filhos da escola no segundo semestre?

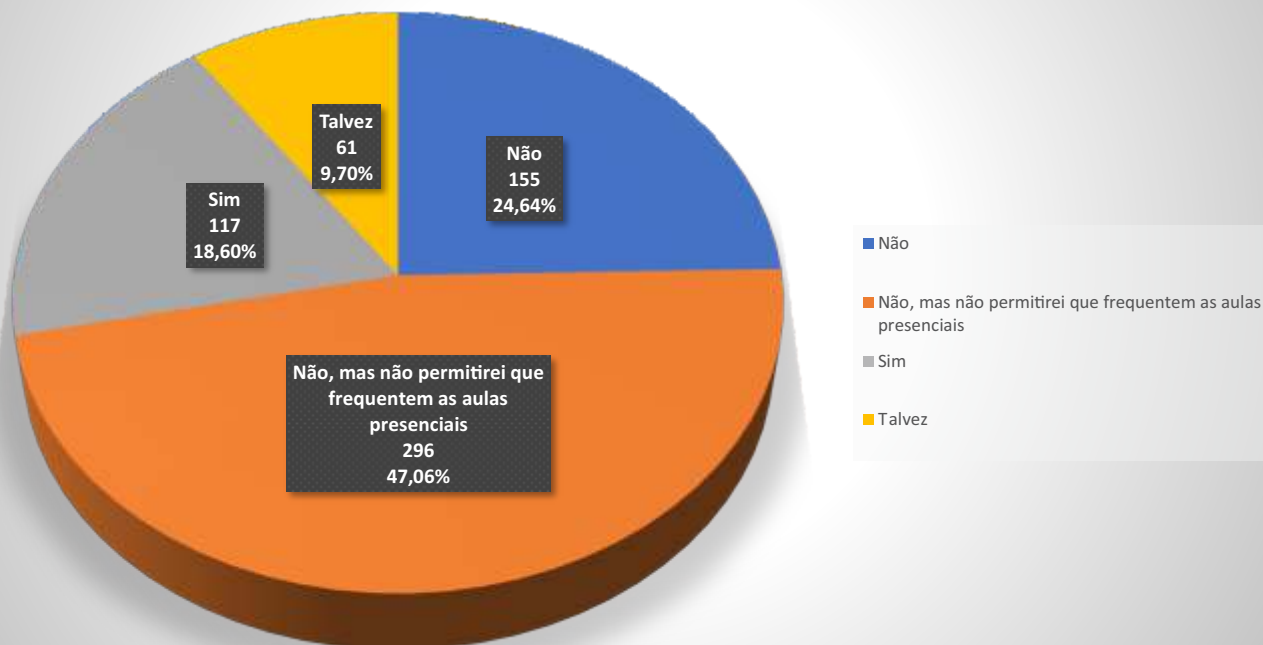
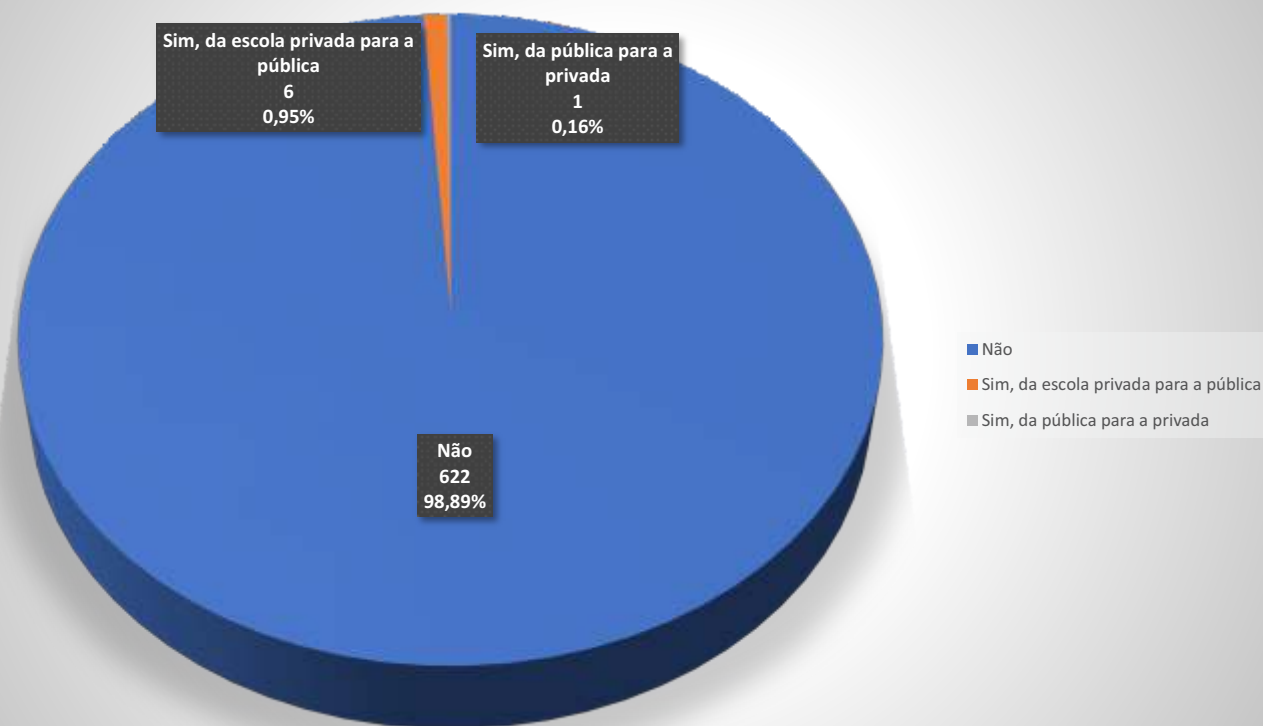


GRÁFICO 24

Você transferiu seu(s) filho(s) de escola durante a pandemia?



Seção 4 – Opinião sobre a volta às aulas presenciais dos/das filhos(as)

GRÁFICO 25

Você foi consultada pela escola em algum momento sobre a volta às aulas?

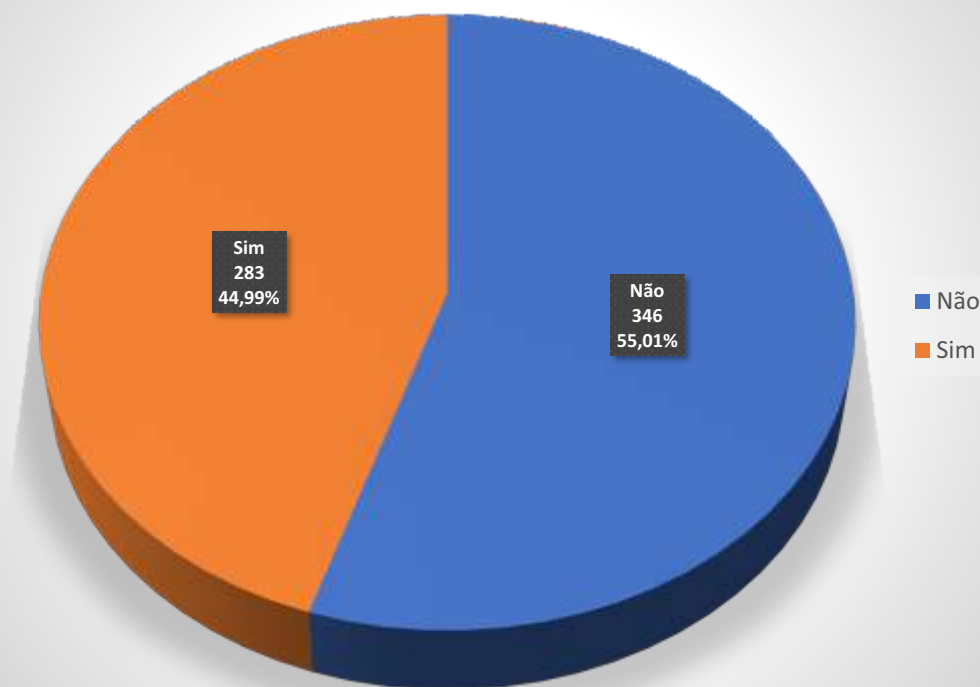
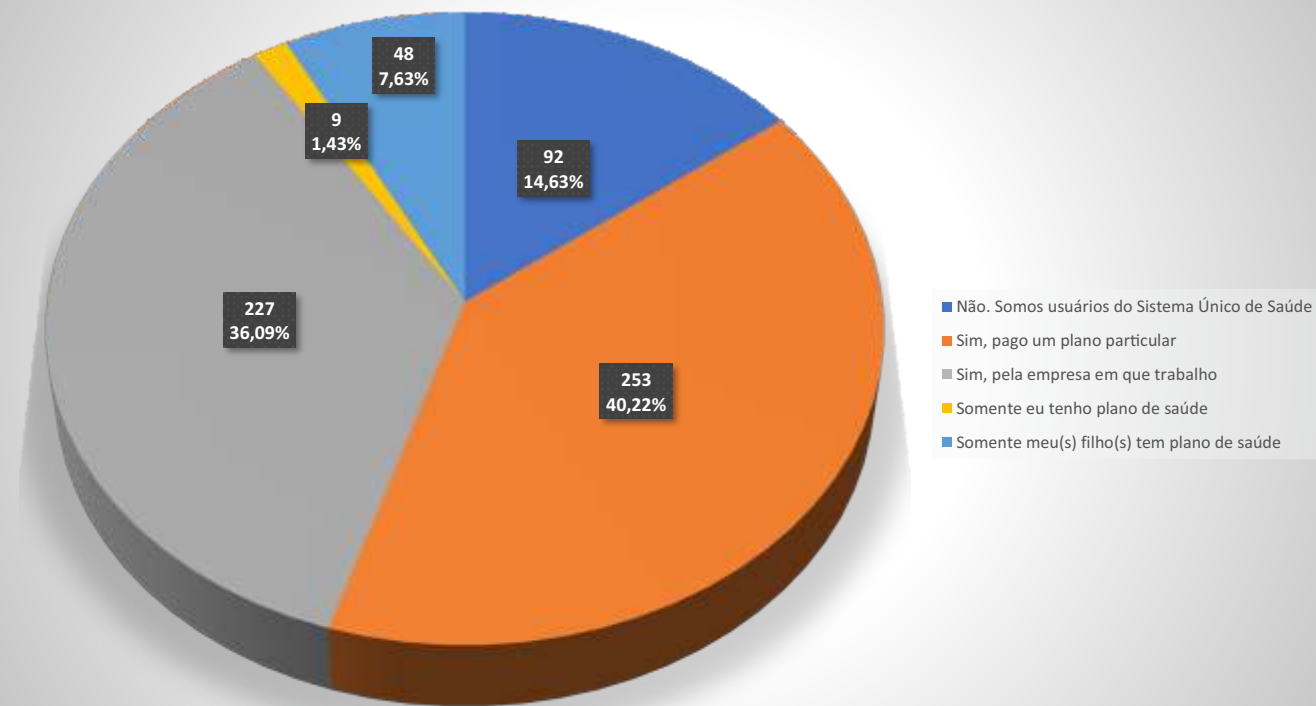


GRÁFICO 25

Você e seus filhos têm acesso a plano de saúde?



Conclusões – proposições

Uma das principais questões evidenciadas por esta pesquisa é a maneira como a invisibilização da sobrecarga de gênero penaliza as mulheres, abstendo-se de ser objeto de políticas públicas e de ações práticas e efetivas de enfrentamento. Sem qualquer preocupação por parte das autoridades (ao menos, até o momento) com a regulamentação do home office, equidade no ambiente de trabalho e sobre os rearranjos familiares durante a pandemia, o isolamento tem deixado as mães, jornalistas ou não, à beira da exaustão – o que em um futuro próximo poderá, inclusive, se converter em adoecimento e recomendações de afastamento laboral.

Muitas destas mães jornalistas têm abandonado seus planos de vida (tais como estudos e atividades de bem-estar e autocuidado) em função de jornadas abusivas e intensas de trabalho, do acompanhamento escolar dos filhos e da manutenção dos afazeres domésticos. Some-se a isso a sobrecarga mental decorrente do contexto: mesmo quando a mulher compartilha as responsabilidades da casa e da família com outra pessoa, quase sempre recai sobre ela o trabalho mental, no sentido de apontar o que precisa ser feito, quais contas deverão ser pagas, o que precisa ser adquirido em uma ida ao mercado.

Destaca-se, ainda, o fato de muitas destas mães jornalistas serem provedoras

de suas famílias: quando isso não decorre do caso de serem mães solo, resulta de a pessoa com quem mantém um relacionamento afetivo-familiar ter perdido o emprego, de não ser proativa e empática ou, ainda, por ser idosa ou encontrar-se sem condições de trabalhar ou mesmo de prover o autocuidado.

Quando o tema é a sobrecarga, a pesquisa assume caráter de denúncia ao mapear uma série de abusos que têm ocorrido nos ambientes de trabalho pelo Brasil afora. As mães jornalistas apontaram a ocorrência de jornadas abusivas, o excesso de trabalho, o aumento da cobrança por parte dos superiores (mesmo entre aquelas que tiveram redução de salários e jornada), o acúmulo de funções e as frequentes cobranças para dar conta de prazos, de plantões (incluindo quem está em teletrabalho) e de inúmeras reuniões, além daquelas que estão sendo obrigadas a participar de cursos – apesar de já estarem se desdobrando para dar conta do cuidado com os filhos e dos afazeres domésticos.

A falta de empatia no ambiente de trabalho também tem resultado em prejuízo financeiro. As mulheres relatam a suspensão do pagamento de horas-extras (mesmo com jornadas que extrapolam as contratadas), a falta de ajuda financeira para aquelas que precisam pagar para alguém cuidar de seus filhos/as ou ajudá-las nas atividades domésticas (mesmo isso não sendo recomendado durante a pande-

Conclusões – proposições

mia, é a realidade de muitas, por necessidade) e, cortes de salários e jornada.

Ainda sobre a ausência de empatia, as situações relatadas vão desde cobranças por produtividade sem qualquer consideração do contexto, até humilhações e práticas de assédio moral que, não raras vezes, aparecem travestidas de 'piadas' de colegas de trabalho pelo fato destas mulheres não conseguirem se desligar das preocupações com a família, mesmo quando estão trabalhando presencialmente.

Acrescenta-se aos elementos já destacados acima a ausência de apoio em termos de estrutura e suporte para o desenvolvimento do trabalho em casa (para aquelas que estão em teletrabalho). Os empregadores desconsideram, por exemplo, a realidade de muitas famílias em que um único computador tem sido compartilhado pelos adultos que trabalham e pelas crianças que estão tendo atividades de ensino remoto. Além disso, nem sempre a casa oferece espaço adequado à realização da atividade jornalística. Mas isso parece não estar sendo considerado na definição de parâmetros sobre metas e produtividade, por exemplo.

Apesar de a pesquisa não contemplar especificamente a questão da saúde mental, esta dimensão se torna evidente a partir dos relatos das mães jornalistas nas questões abertas. Os relatos de sobrecarga mental, estresse, ansiedade, pânico e tristeza sugerem o nível de afetamento psicológico e emocional destas mulheres em

total descompasso com ações/políticas mínimas de acolhimento.

A preocupação com o retorno às aulas presenciais durante a pandemia – em que a maioria das participantes da pesquisa se mostra contrária à volta dos filhos/as às instituições de educação neste momento – sugere que as dificuldades que têm sido enfrentadas por estas mães jornalistas estão longe de um desfecho.

Desta forma, a condição de exercício da maternidade conciliada às atividades profissionais deixa de se restringir às relações de trabalho, despontando-se também como uma questão mais ampla de proteção ao trabalho, de promoção da saúde e, ainda, de preservação dos direitos da infância e juventude – um espectro muito amplo para continuar sendo ignorado.

Dessa forma, diante de tantas questões que emergem deste esforço coletivo, a Comissão Nacional de Mulheres da FENAJ irá encaminhar os resultados desta pesquisa aos Sindicatos filiados, para que estes possam orientar medidas práticas e que tenham também como objeto a preocupação com as questões de gênero no trabalho da categoria.

A pesquisa também será compartilhada com órgãos de proteção ao trabalho como um esforço para chamar a atenção para a realidade das mulheres trabalhadoras, que, infelizmente, não é exclusiva do contexto da pandemia e nem tampouco das mães jornalistas.

Carta de Agradecimento

O formato de pesquisa proposto pela Comissão Nacional de Mulheres da FENAJ foi construído coletivamente por mulheres jornalistas de territórios das cinco regiões do país, por mães, por pesquisadoras, por profissionais que atuam nas redações, por dirigentes sindicais, por jornalistas que não são mães, por uma pluralidade de mulheres que considera que o movimento sindical deve pautar as lutas por melhores condições de trabalho a partir do entendimento das transversalidades das questões de gênero, raça e diversidade.

Se propor a investigar e tirar da invisibilidade especificidades de gênero não é tarefa fácil, pois surge de inquietações individuais e subjetivas, mas que alcançam grande parte da população e têm seu recorte na categoria das jornalistas profissionais.

A existência desta pesquisa alavancada pela FENAJ e sua condição de ineditismo nos mostram o quanto nos permitimos invisibilizar e naturalizar dimensões que nos são impostas historicamente, por mais consciência e acesso à informação que possamos ter. A luta para dar um basta às desigualdades, temos sempre que lembrar, começa a partir de situações desiguais e o processo é o caminho.

Ainda que construída coletivamente e de maneira plural, descobrimos no trajeto diversas lacunas nessa especificidade de ser mãe, mulher, jornalista, das condições de trabalho, presencial ou home office, em plena pandemia, de compartilhar cuidados sobre crianças e/ou adolescentes ou ter que assumir sozinha, de ter uma rede de apoio ou não.

Agradecemos cada avaliação ao final da pesquisa, pois desta forma a Comissão Nacional de Mulheres da FENAJ sabe que se

colocou como escuta para quem precisa escrever, para alguém que chora, que emocionalmente sente que está difícil, que percebe que os desafios são imensos, que apontou a falta de pautar a possibilidade dessas mulheres estarem passando por violência doméstica ou assédio moral, que muitas tinham mais de um emprego e perderam parte da renda e que perder parte da renda as coloca em “posição inferior” dentro de casa.

Nossa condição é de anonimato, mas queremos que as pautas sobre tudo que nos dizem respeito sejam alavancadas e debatidas publicamente. “Regulamentar home office. Somente com vacina. Não tenho lazer. Não dou conta das demandas. Estou grávida e meu filho mais velho quer mais atenção. Cozinho nos finais de semana para dar conta de dar almoço para minhas filhas no intervalo da jornada. Preciso fazer mercado para mãe, pai, tios avós. Trabalho enquanto o bebê dorme. Meu filho precisa de cuidados especiais. Tenho medo dos riscos”.

Mais do que um diagnóstico, as respostas desta pesquisa modificaram as perguntas. Que os resultados possam pautar a reflexão de uma sociedade que enxergue a condição de mãe nas relações de trabalho. E que este esforço possa subsidiar os sindicatos de jornalistas para as mesas de negociação para esse futuro do teletrabalho que se antecipa e se reconfigura em contexto de pandemia.

26 de agosto de 2020.

**Comissão Nacional de Mulheres
Jornalistas
Federação Nacional dos Jornalistas**



COMISSÃO
DE *Mulheres*



FENAJ
FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS